

COMPORTAMENTOS VERBAIS: APRENDIZAGEM CULTURAL

Ana Lucia Barreto da Fonseca¹;

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – Santo Antônio de Jesus/Bahia

<http://lattes.cnpq.br/0827905171258986>

Lucivanda Cavalcante Borges de Souza².

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) – Petrolina Pernambuco

<http://lattes.cnpq.br/1400479085991320>

RESUMO: Introdução: O estudo dos fenômenos sociais/culturais tem como característica mais marcante o contato direto com os comportamentos verbais dos sujeitos sociais, o que sugere que esse comportamento é uma forma mais qualitativa de conhecer a realidade desses fenômenos. Objetivo: Refletir a interconexão entre os fenômenos sociais selecionados pela história cultural e mantidos através do comportamento verbal de uma dada comunidade. Método: Discussão interpelativa entre autores que descrevem os comportamentos verbais. Resultado: A construção e manutenção dos fenômenos sociais através dos tempos pelo comportamento verbal aprendido em uma dada comunidade verbal através dos seus estilos verbais e contingências de reforço. Considerações finais: A propriedade “qualitativa” do comportamento verbal se deve ao fato de ele ser constituído como um comportamento operante diferenciado pelo “simbólico”. É um operante social consequente da mediação de um ou mais indivíduos em práticas culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento verbal. Comunidade verbal. Fenômenos sociais. Cultura.

VERBAL BEHAVIORS: CULTURAL LEARNING

ABSTRACT: Introduction: The study of social/cultural phenomena has as its most striking characteristic the direct contact with the verbal behaviors of social subjects, which suggests that this behavior is a more qualitative way of knowing the reality of these phenomena. Objective: Reflect the interconnection between social phenomena selected by cultural history and maintained through the verbal behavior of a given community. METHOD: Interpellative discussion between authors who describe verbal behaviors. Result: The construction and maintenance of social phenomena over time through verbal behavior learned in a given verbal community through its verbal styles and reinforcement contingencies. Final considerations: The “qualitative” property of verbal behavior is due to the fact that it is constituted as an

operant behavior differentiated by “symbolic”. It is a social operator resulting from the mediation of one or more individuals in cultural practices.

KEY-WORDS: Verbal behavior. Verbal community. Social phenomena. Culture.

INTRODUÇÃO

Para conhecer o comportamento verbal é inevitável entrar na relação dele com os operantes sociais selecionados ao longo da história cultural de uma comunidade verbal (SIMONASSI, TIZO, GOMES e ALVARENGA, 2010). O comportamento verbal foi selecionado por reforço com a evolução dos ambientes culturais (SKINNER, 1986) e é dessa forma que ele é construído nas relações sociais. Os ambientes culturais, por sua vez, foram selecionados em três histórias interconectadas (espécie, indivíduo e grupo social) a partir dos resultados que proporcionaram à sobrevivência, tornando-se práticas culturais (GLENN, 1989).

Assim, as práticas culturais seriam consistências entre os comportamentos das pessoas (em diferentes situações ou tempos) mantidos por contingências entrelaçadas de reforço e mediadas pelos seus operantes verbais (MALOTT, 1988). Essas práticas culturais definem o conhecimento socialmente construído, em geral inferido do comportamento verbal, mas também do não verbal. Para Guerin (1992), o conhecimento (em geral) pode ser construído através das contingências do ambiente sob controle do grupo social através dos operantes verbais presentes na cultura de uma comunidade.

O conhecimento controlado pelo grupo social “significa comportar-se com o comportamento verbal apropriado” (p. 05) sendo, por isso, “socialmente construído”. Desse modo, o comportamento verbal constitui-se a partir da relação com outras pessoas que, ao discriminarem como apropriada a emissão de respostas verbais como;

- Tatos - operantes verbais que descrevem, definem ou caracterizam o ambiente, as pessoas, inclusive o próprio falante, sob controle do ambiente físico e social, mantidos por consequências generalizadas mediadas por outros indivíduos. (GUERIN, 1992)

- Intraverbais – operantes verbais, vocais ou motores, controladas pelo próprio comportamento verbal do emitente ou ouvinte, mantidas pela presença de outros sujeitos sociais e do reforço generalizado promovido na relação entre os participantes da audiência (BARROS, 2003, p.78)

- Autoclíticos – operantes verbais, vocais ou motores, sob controle do falante, estando sob controle das suas próprias respostas verbais. (Barros, 2003)

- Mandos – operante verbais construídos pela comunidade verbal com a finalidade de comando, solicitação, identificar reforços, questionar algo, buscar atenção. (SKINNER, 1957/1992)

As emissões desses operantes verbais têm o objetivo de reforçar a generalização do conhecimento em situações similares. Tatos, intraverbais e autoclíticos são as principais formas-funções de o falante controlar a efetivação do seu comportamento verbal perante uma audiência. Skinner (1957/1992) sinaliza que o comportamento verbal não é somente a vocalização aberta do falante. Inclui, também, os demais comportamentos mediados por um ouvinte que responde à mediação (e.g., gestos, vestimentas, adornos e todas as formas de comportamento simbólico que, em geral, compõem o conhecimento socialmente construído), conhecido também como comportamento não verbal, porém com função verbal.

A comunidade verbal mantém a emissão de uma ampla variedade de expressões vocais sob controle difuso e intermitente, de modo a manter sob controle o conhecimento construído como uma “realidade objetiva”, sob intenso efeito dos estímulos do contexto (SIMONASSI et. al., 2010) com consequentes sociais intermitentes e generalizados, resultantes da história de interações sociais. O comportamento verbal é aprendido em interações sociais, e os efeitos dessas interações se perpetuam nas diversas modalidades desse repertório, incluindo o pensamento ou “linguagem privada”.

Entretanto, Guerin (2004) afirma que as funções sociais do comportamento verbal não são identificadas diretamente em “uma linguagem privada” (p. 116), já que é pela forma aberta, e diante de um ouvinte, que o falante negocia argumentos na tentativa de mudar o comportamento dele (do ouvinte). Por outro lado, a forma aberta deve ser considerada apenas como uma amostra do discurso de uma (ou numa) comunidade, de modo que a análise deve tomá-la como uma forma generalizada do que ocorre em conversas naturais.

Contato entre diferentes grupos: profissionais x comunidade

Para os profissionais, em especial, de saúde e educação, possam acessar uma comunidade em específico, é importantíssimo que eles tenham em foco que ambiente da comunidade verbal deve ser preservado e considerado durante a coleta de dados verbais, sendo imprescindível a interação dos pesquisadores/profissionais com essa comunidade a partir de temas que estão presentes no seu cotidiano – Trabalho, família, saúde, gestação, adolescência, comportamento sexual dos jovens – tornando a conversa mais próxima da condição natural dos participantes. Este estilo de pesquisa está previsto pelo método etnográfico.

Como afirmam Matias e Francischini (2010), a etnografia é o método de pesquisa social em espaços públicos com pessoas e grupos. A comunidade verbal do pesquisador e dos pesquisados entram em contato, e esse contato torna-se uma contingência que interferirá tanto nas respostas verbais a serem analisadas como no comportamento verbal de analisá-las. Tais respostas contêm recursos linguísticos discriminados a partir das práticas culturais de uma comunidade verbal compartilhada.

Claro está que as características da pesquisa etnográfica abrangem muitos elementos que exigem do estudioso a capacidade de sentir e se moldar às exigências do método pelo contato direto com as contingências de reforço social do comportamento verbal relacionado a um objeto no ambiente em estudo, como um recorte de uma prática da cultura. Como aponta Guerin (2004; 1992), o pesquisador do comportamento verbal no ambiente social natural é levado a interagir com falantes da comunidade verbal, apreendendo a sua dinâmica, participando das conversas (como falante e ouvinte), de modo a identificar os operantes verbais e as contingências de reforço que os determinam no conhecimento socialmente construído nesse ambiente. O método etnográfico não preestabelece nenhuma categoria de análise; os dados são mantidos como se apresentam na realidade.

Entretanto, empregado de modo analítico-comportamental, o método etnográfico deverá valer-se das categorias de análise funcional do comportamento verbal, pois o que está no foco da pesquisa etnográfica são as conversas naturais de falantes “amostrais representativos” de uma comunidade. Os indivíduos pertencentes à comunidade verbal devem sentir/perceber os profissionais/pesquisadores como interlocutores das ações sociais, em princípio, acolhendo e adentrando o arsenal que compõe seus modos operantes de vida e estratégias de sobrevivência. A comunidade acolhe e solicita a intermediação das relações estabelecidas entre os sujeitos que adentram seus ambientes sociais.

Como afirmam Matias e Francischini (2010), o principal objetivo da etnografia é ser uma ferramenta para conhecer os vários pontos de vista dos “amostrais” sobre algum fenômeno social, explorando o contexto social que os influencia e por eles é influenciado. As pessoas de uma dada comunidade relatam atitudes, opiniões, fatos cotidianos em relação a algo, e esses relatos são modelados e mantidos pelas contingências de reforço presentes nas práticas sociais de sua comunidade (GUERIN, 1994; SIMONASSI et al., 2010). Uma estratégia metodológica que atende à perspectiva do trabalho etnográfico, por meio de conversas naturais com sujeitos amostrais representativos, é a reunião de grupo (grupo focal), como técnica de “estruturação de ações diagnósticas e levantamento de problemas” com foco no grupo social (IERVOLINO e PELICIONI, 2001, p.117). As reuniões em grupos focais permitem que os integrantes de uma comunidade verbal emitam operantes verbais determinados e mantidos pelas contingências de reforço presentes na comunidade. Nos grupos focais, e sob controle da audiência, ocorre uma relação entre os operantes verbais de falantes e ouvintes sob controle da aprovação social (GUERIN, 1994; BARROS, 2003; SIMONASSI et al., 2010).

Essa ocorrência se dá porque o conhecimento socialmente construído é mantido e controlado por consequências generalizadas nas práticas sociais (GLENN, 1989; MATTAINI, 2006) selecionadas historicamente por consequências reforçadoras afetando o grupo, que compõe a comunidade verbal (GUERIN, 1992). Essa comunidade não é uniforme e seu controle sobre o comportamento verbal de seus integrantes não é contínuo; ela é formada por subcomunidades verbais – escola, igreja, serviço de saúde, meios de comunicação – que injetam mudanças na forma de falar, escrever, etc. dos seus membros, podendo, inclusive,

controlar fatos distintos e, até mesmo, distorcidos (mentiras, invenções e exageros), que podem se tornar respostas específicas que são típicas da comunidade verbal (GUERIN, 1992).

Entre os subgrupos, que devem modelar mudanças nas práticas culturais de saúde pública, mediante ações dirigidas ao comportamento verbal e não verbal das comunidades, estão os integrantes de um grupo social, em geral, estão sob controle do comportamento verbal que predomina e dirige as relações sociais dentro e fora desses grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, dentro desse pressuposto, todo sujeito está sob controle das contingências de reforço a que foram expostos ao longo da vida, de tal modo que será necessário um processo de reeducação e apresentação de outras contingências reforçadoras para que outros comportamentos verbais e não verbais sejam aprendidos.

Toda ação que implica em alterações no comportamento dos sujeitos deve ser associada as questões que abarcam sua comunidade verbal, refletindo os fatores que os constituíram e as consequências inerentes a essas ações, definindo junto aos envolvidos as possibilidades e estratégias de mudança.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. da S. Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 2003, v. V, n. 1, p. 73-82. BORLOTI, E B. As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2004b, 6(2), p. 221-236.

GLENN, S. S. Verbal behavior and cultural practices. *Behavior Analysis and Social Action* (Online). 1989, 7(1, 2).

GUERIN, B. Análise do comportamento e a construção social do conhecimento. Tradução de Camila M. de Melo, Henrique V. B. R. Angelo, Márcio B. Moreira e Ricardo C. Martone. *American Psychologist*, 1992, 47, p. 1423-1432 141

_____. *Analysing social behavior: Behavior analysis and the social sciences*. Reno, NV: Context Press, 1994. _

_____. *Samplig community discourses as a method for assessing public opinion*. *Sampling Community Discourses*, 2004, p. 116-128.

IERVOLINO, S.A. e PELICIONI, M.C.F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem, USP/SP*, 2001, v. 35, n.2, p.115-21, jun.

MALOTT, R. W. Rule-governed behavior and behavior anthropology. *The Behavior Analyst*. 1988, v. 11, n. 2, p.181-203.

MATIAS, H.J.D. e FRANCISCHINI, R. Desafios da Etnografia com Jovens em situação de Rua: A Entrada em Campo. *Psicologia: Reflexão e Crítica* (online), 2010, 23(2), p. 243-252.

MATTAINI, M. A. Will cultural analysis become a science? *Behavior and Social Issues*. 2006, 15, p. 68-80. MELAMEDI, C. Programa de Agentes Comunitários de Saúde. 20 Experiências de Gestão Pública e cidadania (online). L.M. Fujiwara, N.L.N. Alessio e M.F.S. Farah (Orgs.) São Paulo: Programa de Gestão Pública e Cidadania. 1998, 176p.

SIMONASSI, L.E.; TIZO, M.; GOMES, U. dos S. e ALVARENGA, L.F.C. de. Contexto como determinante de comportamentos verbais públicos. *Rev. Bras. de Terapia Comportamental Cognitiva*, Campinas-SP, 2010, Vol. XII, nº 1/2, 80-91

SKINNER, B. F. The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 1986, 41(1), p. 217-222.

_____. *Verbal Behavior*. New York; Appleton-Century-Crofts/Cambridge, MA; B. F. Skinner Foundation /Cambridge, MA; B. F. Skinner Foundation. 1992. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. Seleção por consequência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 2007, v. IX, n. 1, p. 129-137. Publicado originalmente em 1981. 182

_____. *Science and human behavior*. 2005. Acessado em 17 de setembro de 2010 do The F. B. Skinner Foundation Web site: <http://www.bfskinner.org/books4sale.asp> (Trabalho originalmente publicado em 1953).